

MARCOS NATALI

*A literatura em questão*

Sobre a responsabilidade da instituição literária

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

N191L Natali, Marcos  
A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária /  
Marcos Natali. — Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Arguedas, José Maria, 1913-1969. 2. Derrida, Jacques, 1930-2004. 3. Bolaño,  
Roberto, 1953-2003. 4. Literatura latino-americana. 5. Ética na literatura. 6. Pós-  
-colonialismo na literatura. I. Título.

ISBN 978-65-86253-44-3

CDD – 801.3  
– 809.93358

---

Copyright © by Marcos Natali  
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste material são de responsabilidade do autor  
e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à  
Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
--------------------	---

## PARTE I UM “NÃO” IMPOSSÍVEL

1 ALÉM DA LITERATURA.....	19
2 JOSÉ MARÍA ARGUEDAS AQUÉM DA LITERATURA.....	55
3 ASPECTOS ELEMENTARES DA INSURREIÇÃO INDÍGENA: NOTAS EM TORNO DE <i>OS RIOS PROFUNDOS</i> .....	69

## PARTE II DAS DEMANDAS À LITERATURA

4 O SACRIFÍCIO DA LITERATURA.....	91
5 UMA SEGUNDA ESMÉRIA: DO AMOR À LITERATURA (E AO ESCRAVIZADO) .....	121
6 GRAFOTERAPIA .....	147

## PARTE III DEPOIS DO FIM

7 AS MORTES DA LITERATURA.....	163
8 FUTUROS DE ARGUEDAS.....	179
9 DA VIOLÊNCIA, DA VERDADEIRA VIOLÊNCIA.....	207
<i>POST SCRIPTUM</i> - AUTOBIOGRAFIAS DO COMEÇO DE UMA AULA... ..	241
BIBLIOGRAFIA .....	261

## UMA SEGUNDA ESMÉRIA: DO AMOR À LITERATURA (E AO ESCRAVIZADO)\*

Não parece recomendável embrenhar-se no matagal em que se transformou a polêmica em torno da existência de racismo na obra de Monteiro Lobato. A controvérsia, disparada por uma queixa protocolada no Conselho Nacional de Educação em 2010, parece ter algo de tóxico a contaminar a possibilidade de debate e até mesmo a explicitação das divergências existentes em posições distintas. As posições que foram se consolidando durante os meses em que o assunto esteve em pauta na esfera pública – ou melhor, o modo como a representação dominante do debate foi definindo as posições disponíveis nele, pois a disputa fundamental era justamente pela representação do conflito – são pouco produtivas. A sensação é de se aproximar de uma armadilha ao

---

\* Quando apresentei o trabalho “O sacrifício da literatura” no Colóquio Margens da Democracia na Unicamp, em 2011, havia nele uma referência passageira à polêmica do racismo de Monteiro Lobato. O debate que se seguiu, com perguntas feitas por Francisco Foot Hardman, Raúl Antelo, Marcos Siscar, João Camillo Penna e Márcio Seligmann-Silva, além de uma conversa com Roberto Zular que durou toda a viagem de volta a São Paulo, animou-me a estudar o episódio, que no texto de Campinas era apenas uma nota de rodapé, com mais atenção. Este capítulo é uma tentativa de responder às perguntas que me foram feitas naquela ocasião. Uma versão abreviada foi apresentada, em junho de 2012, no Congresso Internacional Fluxos Literários: Ética e Estética, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina; depois seria publicada em volume com o título do congresso (Santurbano, Marsal & Peterle, 2013, pp. 115-132). Em tradução ao espanhol, foi publicada na Colômbia, no periódico *Literatura: Teoría, Historia, Crítica*, vol. 16, n. 1, 2014, pp. 193-216. Para outra análise da polêmica, ver Sousa, 2019, pp. 129-140.

ingressar no terreno em questão, uma dificuldade vinda da percepção de que há no desenho que se fez da contenda um *desejo de caricatura* – a vontade de fazer a posição do outro, em particular a postura crítica à obra de Monteiro Lobato, deslizar para o cartum, no limite tornando desnecessária até a formulação da oposição a ela. Se o adversário é tão frágil, risível até, a crítica, para não dizer a leitura, se torna dispensável, bastando o anedotário sarcástico e folclorizante para encerrar o episódio.

Volto à querela aqui, mesmo sem ser estudioso das áreas a que ela parece pertencer – não sou especialista nem em literatura infantil, nem em literatura brasileira –, por ter a impressão de que foi um recurso recorrente e decisivo no debate a insinuação de que a mera discussão sobre o racismo na obra de Lobato seria desde o início ilegítima, como se propor a questão fosse já sinal da falta de pertencimento a uma tradição e uma comunidade (a nacional, sobretudo, mas também a literária), e como se esse elemento estrangeirizante, por sua vez, caso comprovado, fosse automaticamente motivo para desqualificar a conversa. Diante dessa situação, a tarefa necessária, no exercício que vou tentar aqui, torna-se provocar certo deslocamento na imagem do campo e do debate que predominou durante a polêmica e sobreviveu a ela, buscando inserir alguma instabilidade nas certezas solidificadas em numerosas páginas de jornal, revistas, cartas públicas e abaixo-assinados produzidos durante o tempo em que o debate persistiu.

Para começar, deixo aqui, quase a modo de epígrafe, a descrição de uma cena, feita por Leyla Perrone-Moisés em depoimento à Academia Brasileira de Letras em maio de 2005 (antes da polêmica, portanto):

Todo autor de biografia tende a começar pela infância. Na autobiografia intelectual, necessariamente, são os primeiros livros, as primeiras leituras. O primeiro livro que li na minha vida, aos cinco anos, se chamava *Rosa Maria no Reino Encantado*, de Érico Veríssimo. [...] Logo em seguida, passei para Monteiro Lobato. Sobre isso, vou dizer algumas coisas porque, se não são importantes, pelo menos formam uma figura. Passei a minha infância numa cidadezinha de Minas Gerais, Passa-Quatro, num vale da serra da Mantiqueira [...]. Em casa, tínhamos um quintal muito grande, com muitas

árvores frutíferas, e levávamos uma vida quase que de sítio. Então li Monteiro Lobato num contexto de Sítio do Pica-Pau Amarelo, porque lia seus livros em cima de uma árvore, uma amoreira que eu considerava minha. Subia, sentava-me num galho lá em cima, e assim li todo o Monteiro Lobato. Não havia o Rabicó, mas havia as galinhas etc. E eu tinha uma tia Anastácia, porque a cozinheira era uma negra muito escura que, de um modo politicamente incorreto, tinha o apelido de Vavão. Era como nós, crianças, pronunciávamos “carvão”. Mas acho que foi ela mesma que se autoapelidou Vavão.<sup>1</sup>



Primeiro, o episódio em si. Ele interessa, entre outros motivos, por ter sido um momento raro em que questões próprias à teoria e à crítica literárias ocuparam espaços além dos muros acadêmicos, em uma discussão que dizia respeito, em última instância, ao conceito de literatura e à relação entre política e estética e, ao mesmo tempo, à relação entre ensino e racismo no Brasil. O caso teve início em 2010, com uma queixa, registrada em Brasília por Antonio Gomes Costa Neto, alegando que havia conteúdo racista no romance *Caçadas de Pedrinho*, livro adaptado de *A caçada da onça* (de 1924), publicado no Brasil sem interrupções desde 1933 e utilizado na época em escola pública do Distrito Federal, onde residia o autor da queixa. A solicitação pedia ao Conselho Nacional de Educação (CNE) a abstenção do uso no ensino básico de Brasília de material didático racista, lembrando que a obra também havia sido selecionada em 2003 para o Programa Nacional Biblioteca da Escola.

O parecer sobre o caso, após solicitação do CNE, redigido por Nilma Lino Gomes – doutora em Antropologia pela USP, na época docente em Administração Escolar na UFMG –, foi aprovado em setembro de 2010. Nele, sugere-se, como interpretação do sentido da queixa apresentada, que

---

<sup>1</sup> Perrone-Moisés, 2005, p. 335.

o alerta e a denúncia em relação à adoção desse livro e de outras obras que apresentem estereótipos raciais devem ser entendidos como parte do processo democrático e integra o debate público e o exercício do controle social da educação realizado pela comunidade escolar.<sup>2</sup>

O texto então recomenda, como primeira medida em resposta à denúncia, a

indução de política pública pelo Governo do Distrito Federal junto às instituições do ensino superior – e aqui acrescenta-se, também, de Educação Básica – com vistas a formar professores que sejam capazes de lidar pedagogicamente e criticamente com o tipo de situação narrada pelo requerente, a saber, obras consideradas clássicas presentes na biblioteca das escolas que apresentem estereótipos raciais.<sup>3</sup>

Afinal, continua Gomes, em sala de aula “é possível utilizar autores da literatura brasileira que tratam direta ou indiretamente da temática racial”, desde que lidos com atenção para a possibilidade do reforço de estereótipos quando as obras não são “trabalhadas de maneira crítica pela escola”. Nessas situações, é necessário “que o professor tenha criatividade para destacar os pontos interessantes do texto”.

Além dessas orientações, que dizem respeito à atuação em sala de aula, aponta-se que, no caso do Programa Nacional Biblioteca da Escola, cabe ao Ministério da Educação seguir os critérios estabelecidos por sua Coordenação-Geral de Material Didático, buscando consequentemente, na indicação de livros, obras que “primem pela *ausência de preconceitos, estereótipos*, não selecionando obras clássicas ou contemporâneas com tal teor”.<sup>4</sup> Quando as obras selecionadas apresentarem conteúdo preconceituoso e racista, algo que o parecer julgava valer para *Caçadas de Pedrinho*, recomendava-se a inserção no texto de uma “nota explicativa”

---

<sup>2</sup> Gomes, 2010.

<sup>3</sup> *Idem.*

<sup>4</sup> *Idem.*

alertando o leitor para a existência de estudos recentes discutindo a presença de estereótipos racistas na literatura brasileira.

Embora o documento inicial não se referisse à proibição da circulação da obra de Monteiro Lobato nem advogasse pela interdição de seu uso em sala de aula, a reação ao documento e a polêmica suscitada em vários espaços – títulos de matérias em jornais já anunciavam que o Conselho queria “vetar livro de Monteiro Lobato em escolas”<sup>5</sup> – levaram o CNE a solicitar novo parecer à relatora, que então buscou elucidar aquilo que acreditava já estar claro no primeiro texto, isto é, que *não* havia veto à obra de Lobato. O segundo parecer vai acrescentar ao documento original trechos que apontam que, se é inegável que, por um lado, “para além de um papel meramente reativo, o sistema jurídico atribui expressamente ao Estado brasileiro o dever de implementar uma política educacional igualitária do ponto de vista étnico-racial”, e se não deve, portanto, haver dúvida “sobre a obrigação legal e o substrato moral que vinculam a política educacional em termos de coibir a veiculação de ideias que encorajem, incitem ou induzam ao preconceito ou à discriminação raciais”, também é verdade, por outro lado, que “uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística”.<sup>6</sup>

Reconhecendo simultaneamente o direito à “liberdade de expressão” e o dever do Estado de promover uma educação antirracista, o parecer busca se situar em um lugar de enunciação complexo e delicado, lugar que as reações mais aguerridas ao parecer tentaram obstinadamente lhe negar (no limite, as reações tentavam negar a existência mesma desse lugar). Nada importava: apesar de explicações recorrentes – inclusive explícitas, até mesmo no próprio parecer: “Muitos entenderam tratar-se de veto à obra literária de Monteiro Lobato, embora o Conselho Nacional de Educação tenha esclarecido, em nota oficial e em artigo assinado por esta Relatora e pelos seus Dirigentes, que esse não era o

<sup>5</sup> Pinho & Nublat, 2010.

<sup>6</sup> Gomes, 2011.

teor do Parecer aprovado pela Câmara de Educação Básica”<sup>7</sup> –, o que se viu foi a acusação generalizada de censura à obra de Monteiro Lobato, com a produção em série de abaixo-assinados de escritores, entrevistas e artigos de estudiosos e manifestações de associações profissionais (como a Academia Brasileira de Letras e a Associação Brasileira de Literatura Comparada, maior associação profissional de professores de literatura no Brasil), na formação rápida de consenso como raramente se vê na área. Em muitas dessas formulações, se era difícil distinguir o que era oposição à suposta censura do que era indignação pelas críticas serem dirigidas justamente a Lobato, parece certo que a combinação explosiva foi a aproximação das palavras “censura” e “Monteiro Lobato”. Nas manchetes chamativas em jornais, por exemplo, parecia obrigatório que estivessem presentes sempre essas duas referências.<sup>8</sup> Era essa combinação que buscava fazer do episódio algo da ordem do impensável.

Na carta pública da Abralic assinada por Marilene Weinhardt, professora que na época era presidente da associação, esta “manifesta-se em defesa da liberdade de expressão e do amplo acesso dos professores e demais leitores a todas as formas de produção literária”, anunciando ainda seu “desapreço por posições que subestimem a força humanizadora da leitura do texto literário”.<sup>9</sup> Na mesma linha, Marisa Lajolo, autora de influentes estudos sobre a obra de Monteiro Lobato, advertia, em texto divulgado ainda em novembro de 2010, que a “liberdade do leitor vive sofrendo atropelamentos. De vez em quando, educadores de todas as instâncias – da sala de aula ao Ministério de Educação – manifestam desconfiança da capacidade de os leitores se posicionarem *de forma correta* face ao que leem”.<sup>10</sup> O episódio, segundo ela, daria

<sup>7</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>8</sup> Ana Maria Gonçalves sugere outro exercício mental: “concentrem-se nas palavras ‘racismo’ e ‘criança’, mesmo que possa parecer inaceitável vê-las assim, uma tão pertinho da outra” (Gonçalves, 2010).

<sup>9</sup> Weinhardt, 2010.

<sup>10</sup> Lajolo, 2010.



sinal verde para uma literatura autoritariamente autoamordaçada. E este modelito da mordada de agora talvez seja mais pernicioso do que a ostensiva queima de livros em praça pública, número medonho mas que de vez em quando entra em cartaz na história desta nossa *Pátria amada idolatrada salve salve*. E salve-se quem puder... pois desta vez a censura não quer determinar apenas o que se pode ou não se pode ler, mas é mais sutil, determinando como se deve ler o que se lê!<sup>11</sup>

Há, no texto de Lajolo, a afirmação genérica da capacidade da literatura de provocar reflexão ao mesmo tempo que se busca interditar certas indagações que surgiram da leitura de uma obra específica, o livro *Caçadas de Pedrinho*. Como na carta da Abralic, a denúncia da tentativa de limitar o modo de recepção de uma obra convive com a proposta de como, afinal, deve-se ler a literatura. Note-se ainda, a título de demonstração de como argumentos semelhantes circulavam à época, os movimentos discursivos presentes em carta de Sandra Gardini Vasconcelos publicada na *Folha de S. Paulo*, em novembro de 2010:

Diante do estado falimentar da educação no país e da doença crônica que é a má formação dos professores do nível fundamental, o CNE receita como remédio o livro com bula. Em vez de atacarem as causas, cuidam dos sintomas. É temerário e perigoso o processo de sanitização da literatura, que tem entre suas propriedades a de fazer pensar.<sup>12</sup>

Há elementos em comum na argumentação – a carta da Abralic também anunciara sua “condenação a ações que camuflem as insuficiências do sistema de formação dos professores, julgando reparar tais problemas com notas editoriais ou recomendações pontuais” (argumento presente também em posições contra políticas de reparação e ações afirmativas, como cotas para ingresso em universidades) –, mas talvez seja a semelhança no *tom* dos textos o aspecto mais revelador. A exaltação e o

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> Vasconcelos, 2010.



uso de sarcasmo e frases de efeito – “queima de livros em praça pública”, “Pátria amada idolatrada salve salve”, “modelito da mordança”, “livro com bula” (o artigo de Lajolo também utilizara a imagem dos folhetos que acompanham medicamentos, referindo-se à transformação de “livros em produtos de botica, que devem circular acompanhados de bula com instruções de uso”) – aliam-se ao apelo ao fantasma da censura, mesmo quando não parecia ser exatamente censura o que estava no horizonte. O conjunto autoriza a conclusão de que as respostas escritas procuravam justamente impedir que o conflito se agudizasse, bloqueando até mesmo a compreensão daquilo que estava sendo reivindicado e a constatação precisa daquilo que estava em jogo no debate.

A menção à ameaça de censura parece ter funcionado como distração,<sup>13</sup> enfraquecendo a discussão sobre o mérito e o conteúdo da denúncia e dificultando o reconhecimento da natureza política do conflito. Quando se coloca em primeiro plano, como se fosse a questão em disputa, a ameaça de censura, em oposição a uma suposta liberdade de expressão, é possível contornar a discussão sobre a relevância daquilo que está sendo dito, apresentando como causa algo incontroverso e tornando desnecessárias defesas de outros aspectos da questão, menos unânimes do que a “liberdade”. Afinal, qual foi ao longo da história brasileira, e qual deveria ser hoje, a relação entre ensino e racismo, educação e escravidão, literatura e política, pedagogia e dogma, literatura brasileira e violência?

Na verdade, a exigência que surgiu em reação ao parecer não era exatamente do direito à expressão, embora assim se apresentasse, mas do direito a um dizer monológico, a um dizer sem respostas, lembrando a análise por Raúl Antelo, em “A desconstrução é a justiça”, de outro incidente recente, este em Buenos Aires.<sup>14</sup> No caso, durante o debate em torno ao convite a Mario Vargas Llosa para participar da Feira do Livro de Buenos Aires, Horacio González, diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, sugeriu em carta que a palestra do escritor peruano

<sup>13</sup> É o argumento também de Ana Maria Gonçalves (2010).

<sup>14</sup> Antelo, 2015, pp. 245-268.

acontecasse em um momento que não fosse a abertura, como estava programado. Durante o episódio, tanto na repercussão na mídia quanto na resposta do próprio Vargas Llosa, também se apelou rapidamente ao risco à liberdade, com a possibilidade de uma discussão e um confronto político sendo reduzida a “um gesto de censura e intolerância, em lugar de pensar justamente que não é que não houvesse tolerância, o que não havia era indiferença”.<sup>15</sup> Foi o que observou o escritor Martín Kohan, citado por Antelo, que por sua vez completou: “o paradoxo é inegável: para salvar a liberdade formal de poder abrir a boca, fecha-se, sem qualquer cerimônia, a boca do diretor da Biblioteca. Horacio González não tem direito de opinar e é censurado, de fato, não pelo Estado, mas pelo consenso e o lugar-comum da mídia e do *establishment*”.<sup>16</sup>

No caso brasileiro em torno a Monteiro Lobato, a temperatura da discussão se elevou por ter tocado em questões sensíveis relacionadas à compreensão e à posse da herança cultural nacional. Em primeiro lugar, a controvérsia desestabilizou a harmonia da cena imaginada da iniciação da criança à literatura no país – e é por isso que são relevantes relatos como o de Leyla Perrone-Moisés sobre sua infância em Passa Quatro. É *como se* a cena descrita em seu depoimento memorialístico, com tudo aquilo que ela reverbera, em particular a localização da introdução à leitura no espaço doméstico da família e do privilégio, fosse uma espécie de patrimônio nacional a ser generalizado. É *como se* o ingresso no mundo das letras tivesse que ser o recebimento de uma herança que inclui a naturalização de certa visão de mundo, *como se* a própria existência da cultura nacional dependesse da capacidade de preservar o que há nessa cena original de confluência entre literatura e poder. É *como se*, ainda, “perpetuar isso [fosse] patriótico, esse racismo que ‘faz parte do patrimônio cultural de todos nós’”, como escreveu a romancista Ana Maria Gonçalves,<sup>17</sup> citando carta pública assinada por vários autores da literatura infantil brasileira.

---

<sup>15</sup> *Apud idem*, p. 258.

<sup>16</sup> *Idem*, pp. 247-248.

<sup>17</sup> Gonçalves, 2011.

É claro que é possível que seja exatamente isso mesmo o patriotismo (brasileiro ou não) e que ele não possa sobreviver sem esse conjunto de gestos excludentes e discriminatórios, e nesse caso os signatários estariam equivocados não na percepção de que as críticas são uma ameaça à ideia de país, mas apenas na negação do aspecto violento do nacionalismo. Afinal, o abaixo-assinado comentado por Gonçalves e assinado por Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós, Lygia Bojunga, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Ziraldo inclui uma curiosa autoabsolvição, em movimento discursivo comum nos debates sobre a polêmica: “Nenhum de nós, nem os mais vividos, têm conhecimento de que os livros de Lobato nos tenham tornado pessoas desagregadas, intolerantes ou racistas. Pelo contrário: com ele aprendemos a amar imensamente este país e a alimentar esperança em seu futuro”.<sup>18</sup> Merece destaque na citação que ela coloque em oposição o nacionalismo (o amor ao país) e a intolerância e o racismo, como se fossem excludentes. Também é digno de nota que neste, como em outros textos sobre o tema, a garantia fornecida é a primeira pessoa e a experiência pessoal – “nenhum de nós”, “eu li Monteiro Lobato e...” etc. –, o que reforça a necessidade de pensar a relação entre política e experiência e ao menos cogitar a possibilidade da contrafocalização. É o que faz explicitamente, por exemplo, Ana Maria Gonçalves, em texto anterior ao já citado: “imagine uma criança na sala de aula das escolas públicas de ensino médio e fundamental no Brasil. Negra”, para sugerir então demorar-se lá:

Fique um pouco de tempo lá, no lugar dessa criança, e tente entender como ela se sente. Herdeira dessa ferida da qual ela vai ter que aprender a tomar conta e passar adiante, como antes tinham feito seus pais, avós, bisavós e tataravós, de quem ela também herdou os lábios grossos, o cabelo crespo, o nariz achatado, a pele escura.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Machado *et al.*, 2010.

<sup>19</sup> Gonçalves, 2010.

É o que faz Cuti, em “Lembrança das lições”, em que o cenário é mais uma vez a sala de aula:

A palavra escravidão vem como um tapa e os olhos de quase todos os moleques da classe estilingam um não sei o quê muito estranho em cima de mim. A professora nem ao menos finge não perceber. Olha-me também. [...] A aula continua. [...] A cada palavra de seu discurso, pressinto uma nova avalanche de insultos contra mim. [...] É você, macaco. Você é escravo – cochicha-me um aluno branco.<sup>20</sup>



A herança em questão, socorrida e reivindicada, parece ser, portanto, uma visão de mundo, apresentada como geral e, mais do que isso, como *necessária*: “Nenhum de nós...” etc. (A carta da Abralic se apresenta anunciando que “vem a público manifestar seu apoio a entidades e especialistas da área dos estudos literários e culturais que já intervieram neste debate”, como se entre estes não houvesse divergências.<sup>21</sup>) Como tal, o que estará em disputa será também a língua, começando pela língua em que se coloca o problema da herança e da tradição. Se, como propôs Jacques Rancière, a política for uma forma específica de comunidade na qual são compartilhados objetos e reconhecidos os sujeitos que poderão pleiteá-los e debater a seu respeito,<sup>22</sup> a questão da língua não seria mais uma entre outras, dentro da esfera da política; seria a própria política, a atividade política sendo entendida como um conflito a respeito daquilo a ser considerado fala e então escutado e registrado, tornando-se parte de uma cultura comum, diferente do grunhido, do rosnado, do resmungo.

Como explicação complementar para a aparição do impensável, muitos comentaristas do debate sobre o racismo na obra de Lobato insinuaram que haveria algo de suspeito e impropriamente brasileiro

<sup>20</sup> Cuti, 2008, pp. 160-161. O conto é analisado em Duarte, 2015, pp. 167-190.

<sup>21</sup> Weinhardt, 2010.

<sup>22</sup> Rancière, 2011, pp. 3-4.

nas queixas. O cartunista Ziraldo dirá que “esse pessoal que fica copiando coisas americanas sem senso crítico é muito chato. Fica buscando racismo em tudo”, enquanto Ruth Rocha considerará “ridícula essa moda do politicamente correto. É uma boa intenção, mas macaqueada dos americanos”.<sup>23</sup> Na revista *Veja*, Lya Luft pedirá que a “tragédia”

não comece entre nós banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores: será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós. Não combina conosco. Não combina com um dos lugares nesta conflitada e complicada Terra onde as etnias ainda convivem melhor, apesar dos problemas – devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.<sup>24</sup>

Nesse contexto, tornam-se ainda mais significativas as marcas que nos livros de Lobato sinalizam a estranheza da fala de Nastácia, que chama “fenômeno” de “felômeno”, refere-se confusamente a uma “menina de propícios” e chama rinoceronte de “boi”,<sup>25</sup> situando-a como um elemento estrangeiro incrustado na língua nacional. Também ganham relevância as referências recorrentes não apenas à pele e à cor da personagem, menções que definem sua corporeidade como excêntrica, mas especificamente aquelas que destacam sua boca: “resmungou a preta, pendurando o beijo”, relata o narrador de *Caçadas de Pedrinho*, em uma entre várias alusões similares.<sup>26</sup>

Quando, além de estrangeirismo, a alegação é de que a crítica é baseada no desconhecimento, o pertencimento à cultura nacional torna-se sinônimo de determinada interpretação de sua história e seu sentido. Em nota publicada pela Academia Brasileira de Letras, por exemplo, lê-se que “é necessário que os professores e os formuladores

<sup>23</sup> Francisco, 2010.

<sup>24</sup> Luft, 2010, p. 26.

<sup>25</sup> Lobato, 2008, pp. 27, 33.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 31.

de políticas educacionais tenham lido a obra infantil de Lobato e estejam familiarizados com ela. Então saberiam que esses livros são motivo de orgulho para uma cultura”,<sup>27</sup> enquanto Ruy Castro alegou que “as pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo e de querer ‘extinguir a raça negra’ certamente nunca leram uma linha do que ele escreveu”.<sup>28</sup> (A advertência, que acredita estar descrevendo uma versão hiperbólica e especialmente sem fundamento das acusações ao autor, na verdade apenas repete uma formulação presente em muitas linhas escritas por Lobato, em descrições favoráveis à extinção da população negra na ficção *O presidente negro*<sup>29</sup> e em diversos textos não ficcionais abertamente partidários da eugenia.) Tudo indica que aqui ter familiaridade significa compartilhar certa leitura da história nacional e da tradição literária, *ler* entendido como equivalente a *aderir*. Como observou Marcos Siscar a respeito da acusação de ilegitimidade, comum no Brasil, que é feita a certas correntes da crítica literária, para “participar da tradição brasileira” parece necessário primeiro “identificar-se com as questões teóricas que *já* estão associadas com essa localidade”.<sup>30</sup> A prova de familiaridade e legitimidade é compartilhar os pressupostos e a perspectiva hegemônica (o paradoxo é que isso é justamente aquilo que muitas vezes se busca criticar). Dado o assunto em pauta, o gesto que exclui a possibilidade da leitura dissonante – má-fé e ignorância sendo as únicas explicações possíveis para a discordância – acaba tendo como resultado a interdição da verbalização das formas e das consequências do racismo na tradição cultural nacional, como se a simples expressão de contrariedade fosse a traição de um pacto antigo, talvez o pacto da própria formação da nação: o elemento negro (uma personagem, por exemplo) será assimilado pela cultura nacional e será parte de sua autorrepresentação, porém sempre de maneira subalterna. A possibilidade da

---

<sup>27</sup> Academia Brasileira de Letras, 2011.

<sup>28</sup> *Apud* Nigri, 2011, p. 26.

<sup>29</sup> Lobato, 1979.

<sup>30</sup> Siscar, 2006, pp. 110-111.



suavidade dessa absorção é a própria imagem que se faz da nação (sua face oculta é a hostilidade que emerge quando o afeto é recusado).



O enredo dos livros infantis de Lobato já é a figuração de uma infância a ser resguardada e a proposta de uma forma estética para ela. (Seria difícil definir quanto dessa imagem foi filtrado pela televisão e determinar em que medida foi a série televisiva que ofereceu à criança – sentada imóvel diante do aparelho – a imagem de outra infância, no sítio da família, logo incorporada como própria.<sup>31</sup>) A imagem da infância assim se duplica e se dobra sobre si mesma, mesclando o interior e o exterior dos livros, as experiências de iniciação a serem resguardadas, tanto as dos leitores quanto as de Pedrinho e Narizinho.

Em texto do pedagogo Rubem Alves publicado em meio à querela, após a referência ao “politicamente correto”, algo comum a quase metade das matérias opinativas,<sup>32</sup> e após a menção obrigatória à censura – “Monteiro Lobato não mais pode frequentar as escolas” –, o autor confessa seu espanto: “Senti-me ameaçado”, escreveu. “Fiquei com medo de que me descobrissem racista também. Tantas palavras proibidas eu já disse”. E então reconstrói um episódio de sua infância:

Naqueles tempos, tempos ainda com cheiro da escravidão, havia um costume... As famílias negras pobres com muitos filhos, sem recursos para sustentá-los, [os] ofereciam às famílias abastadas, brancas, para serem criados e para trabalhar. Assim era a vida. Foi assim na minha casa. Veio morar conosco uma menina de uns dez anos, a Astolfina, apelidada de Tofa. Escrevi sobre ela no meu livro de memórias *O Velho que Acordou Menino*. [...] Acontece que, ao contar sobre ela, eu usei uma palavra que fazia parte daquele mundo: “crioulinha”. Era assim que se falava porque essa era a palavra

<sup>31</sup> Há argumento semelhante em Gonçalves, 2010.

<sup>32</sup> Feres Júnior, Nascimento & Eisenberg, 2012.

que fazia parte daquele mundo. Imaginem que, obediente à “linguagem politicamente correta”, eu, hoje, tivesse escrito no meu livro “uma jovem de ascendência afro...”.<sup>33</sup>

Como represália ao atrevimento da crítica que ele imagina, crítica que estaria exigindo uma mudança no vocabulário escolhido, o autor anuncia em tom jocoso, como forma de anulação da ansiedade sentida, o aniquilamento da pessoa implicada em seu relato:

Estou, assim, tomando minhas providências. Para que não coloquem meu livro no “Índex” vou apagar a palavra “crioulinha” do texto e, sempre que precisar me referir à Tofa, direi que ela era uma governanta suíça e ruiva, uniformizada de branco e touca, para evitar que fios de cabelo caíssem na comida... Assim, meu livro purificado do racismo poderá frequentar as escolas...<sup>34</sup>

Jogamos segundo minhas regras, parece dizer o autor, ou então não haverá jogo. Faz-se de Astolfina vítima sacrificial, em benefício da presença na sala de aula, mas também do bom humor, da leveza e do prazer. Será outro mote dos textos sobre o episódio a referência a uma ameaça iminente ao prazer, que precisaria então ser protegido.<sup>35</sup> É a conclusão de um artigo de André Nigri, em que, após amplo levantamento dos elogios que Lobato fez em cartas à eugenia, à Ku Klux Klan e ao racismo norte-americano, decreta-se obscuramente que, no caso dos textos literários, “as alusões racistas a tia Nastácia não tiram o prazer da leitura”.<sup>36</sup>

A dificuldade de perceber a dor do outro e escutar suas queixas, além da violência das reações a elas, parece ter relação com a reivindicação de algo como um direito ao afeto, ou melhor, o direito à construção retrospectiva da experiência familiar e histórica à luz do afeto. (A

---

<sup>33</sup> Alves, 2010.

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> Haveria muito a explorar nessa menção ao prazer. Para uma discussão da noção de que o feminismo destrói a possibilidade do prazer, ver Ahmed, 2010.

<sup>36</sup> Nigri, p. 33.



punição a Astolfina na fantasia de Alves está próxima da acusação de ingratidão, como se ela tivesse reagido de maneira desleal à hospitalidade oferecida pela família abastada.) Reivindica-se assim o direito a narrar essas histórias – as histórias da “Vavão” de Leyla Perrone-Moisés, da “Tofa” de Rubem Alves, de Nastácia – de determinada maneira, lembrando que em Lobato a cena de iniciação é ao mesmo tempo contexto e texto, ambiente da introdução à literatura e tema da própria obra. Representações diretas de cenas de introdução à literatura aparecem em vários romances de Lobato, inclusive com a oposição, no livro *Histórias de Tia Nastácia*, entre o saber confiável de Benta e os contos narrados por Nastácia, aos quais as crianças reagem com hostilidade, a narração frequentemente associando a personagem ao temor, à superstição e à irracionalidade.

O afeto também é o elemento central no protesto de Ziraldo citado por Ana Maria Gonçalves, servindo de base inclusive para a negação da existência de racismo no Brasil: “Racismo tem ódio. Racismo sem ódio não é racismo. A ideia é acabar com essa brincadeira de achar que a gente é racista”.<sup>37</sup> A proposição ganha forma visual no desenho feito pelo cartunista para um bloco carnavalesco carioca, em que um Monteiro Lobato indignado (e de terno e gravata) aparece abraçado a uma mulher negra (e seminua), perguntando: “Que merda é essa?”. Incrédulo diante do atrevimento de ter sido criticado, ao mesmo tempo reafirma, com a mão que detém a cintura da moça, o direito, e a pessoa, que lhe pertence. (“Só dói quando eu rio”: é o que Ana Maria Gonçalves enxerga no rosto sorridente da mulher nos braços de Monteiro Lobato.<sup>38</sup>)

O problema de apontar, como fazem Rubem Alves e Ziraldo, o afeto como contraprova diante da acusação de racismo é que figuras como a de Nastácia, subordinada e íntima em sua carinhosa ambivalência, não são uma exceção ou um desvio na história da cultura nacional. São, ao contrário, a imagem da estrutura afetiva do escravismo brasileiro. Já em

<sup>37</sup> Gonçalves, 2011.

<sup>38</sup> *Idem*.

1883, Joaquim Nabuco, em seu *O abolicionismo*, após comentar como as descrições de escravizados escapados nos anúncios de jornais brasileiros rotineiramente incluíam referências a cicatrizes produzidas por torturas sofridas, aponta que, nos mesmos jornais,

encontram-se, por fim, declarações repetidas de que a escravidão entre nós é um estado muito brando e suave para o escravo, de fato melhor para este do que para o senhor, tão feliz pela descrição, que se chega a supor que os escravos, se fossem consultados, prefeririam o cativeiro à liberdade; o que tudo prova, apenas, que os jornais e os artigos não são escritos por escravos, nem por pessoas que se hajam mentalmente colocado, por um segundo, na posição deles.<sup>39</sup>

Apesar do fato de que, nos textos em que a descrição precisa dos escravizados era absolutamente necessária, o que se registrava eram as marcas da tortura no corpo, foi a afirmação do caráter brando do tratamento dos escravizados que se firmaria no Brasil, como observa Flávio Rabelo Versiani, para quem a ideia remonta ao menos ao século XVIII.<sup>40</sup>

De fato, até mesmo na autobiografia de Nabuco, escrita alguns anos após *O abolicionismo* e já livre da ironia presente no tratado abolicionista, a representação da suposta amenidade da escravidão brasileira será bem mais ambivalente e difícil de interpretar: “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade”, para completar com um relato pessoal: “Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou; ela envolveu-me como uma carícia muda toda a minha infância”.<sup>41</sup> Tamanho foi o afeto por esse espaço da infância, essa carícia muda, que Nabuco descreveria o momento em que teve que se afastar deles da seguinte maneira: “deixava assim meu paraíso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre... Foi ali que eu cavei com as minhas

<sup>39</sup> Nabuco, 1988, p. 95.

<sup>40</sup> Versiani, 2007, pp. 163-183.

<sup>41</sup> Nabuco, 1997, p. 129.

pequenas mãos ignorantes esse poço da infância, inconsolável na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz dele para sempre em certas horas um oásis sedutor”.<sup>42</sup> A infância é aqui proprietária do adulto e também seu destino final.

O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber... Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva.<sup>43</sup>

Como esses primeiros anos foram também os da intimidade com a escravidão, chega-se ao caráter paradoxal do abolicionismo brasileiro, como ficará evidente na forma como Nabuco, já adulto, descreverá sua relação com o escravismo:

Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir também minha alforria, dizer o meu *nunc dimittis*, por ter ouvido a mais bela nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no entanto, hoje que ela está extinta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo.<sup>44</sup>

Além da percepção do caráter incontornável da experiência da infância, interessa em Nabuco, por aquilo que seu texto pode surpreendentemente vir a iluminar na questão contemporânea abordada aqui, a ideia da permanência de uma influência atávica que ele denominará “de fundo hereditário” e associará a seu pai.

É também um anseio próximo da saudade, a vontade de preservar uma experiência da escravidão ligada indissociavelmente à história

---

<sup>42</sup> *Idem*, p. 132.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 126.

<sup>44</sup> *Idem*, pp. 128-129.

familiar, talvez até mesmo um desejo de repetição da vivência escravista, o que Pedrinho imagina no começo de *Histórias de Tia Nastácia*. Em busca de contos populares, lembra-se de uma “negra velha”, “de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?”<sup>45</sup>



Em carta ao escritor Godofredo Rangel, Lobato descreve a literatura como “um processo indireto de fazer eugenia”, referindo-se a seu romance *O presidente negro* como um “grito de guerra pró-eugenia”, uma tentativa de “vulgarizar estas ideias”.<sup>46</sup> (A eugenia, aliás, endossada por Lobato durante décadas, não parece ser outra coisa senão o anseio por um princípio que controle a transmissão da herança, restringindo sua dispersão e sua disseminação.) Entre os textos contrários às críticas a Lobato, foi mais comum o recurso a outra concepção de literatura, uma que reivindica sua imunidade a questionamentos éticos e recusa avaliações “morais” ou “políticas” de obras literárias e sua redução a instrumento pedagógico. O que se propunha, no caso, era uma espécie de blindagem da literatura a qualquer indagação externa (como na economia discursiva da piada, que pode ao mesmo tempo ferir e apontar seu álibi: mas era apenas uma piada!).

São muitas as variantes desse modo básico de compreender o literário em correntes críticas do século XX, com especificidades que mereceriam atenção maior. Mais rara, divergindo em tom e ênfase daquilo que se tornou a noção hegemônica de literatura, é uma tentativa como a de Lévinas, em que encontramos críticas das mais severas à pretensão, apresentada em nome da literatura ou da arte, de não responder às demandas do outro,<sup>47</sup> como visto no capítulo anterior, em que também se demonstrou

<sup>45</sup> Lobato, 2002, p. 8.

<sup>46</sup> *Apud* Gonçalves, 2011.

<sup>47</sup> Lévinas, 2001.

que mesmo em Derrida, em cuja obra predominam figurações bastante favoráveis do literário, o direito à ausência de resposta que caracteriza a literatura não é apenas força, mas também, simultaneamente, debilidade e risco, sendo impossível definir de antemão qual será em cada caso particular.<sup>48</sup>

No caso da contenda em torno a Monteiro Lobato, seria necessário definir se a recusa a conceder uma resposta é subversiva ou conservadora, e em que medida, além de entender a quem a resposta é negada. O nó está no fato de que a afirmação do caráter contrainstitucional da literatura surgiu das profundezas das instituições, como se a reivindicação fosse ao mesmo tempo e de modo indissociável de liberdade e segurança.<sup>49</sup> Assim, a crítica à instrumentalização da literatura e à sua utilização como ferramenta pedagógica coincidiu com a defesa da presença da literatura, e em especial da obra de Monteiro Lobato, na sala de aula e nos programas governamentais de fomento à leitura, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola. Foi esse, afinal, o único ponto que estava concretamente em jogo desde o início, dado que algo como a proibição de venda, circulação ou leitura da obra nunca foi proposta ou cogitada. A reivindicação de “liberdade”, quando apresentada como contrária a restrições impostas por movimentos sociais ou pelo Estado, parece almejar para o espaço escolar a lógica do mercado, em que o direito à livre circulação de mercadorias seria inalienável. Não é impossível que o risco de um controle maior (ou diferente) do acesso à escola permitido à indústria editorial tenha sido uma preocupação em alguns espaços durante a polêmica, uma vez que a manutenção de um título em uma lista de incentivo à leitura tem consequências concretas e significativas para editoras. (Não se está sugerindo que os autores citados neste trabalho tinham interesses escusos dessa ordem, nem que se manifestaram tendo em vista os interesses das companhias editoriais. Entretanto, é

<sup>48</sup> Derrida, 2014, p. 88.

<sup>49</sup> Essa dinâmica peculiar que junta liberdade enunciativa e um lugar de segurança é desenvolvida por Tiago Guilherme Pinheiro (2015, pp. 303-348).

importante constatar que manifestações que à primeira vista pareciam contrárias à interferência do Estado nas escolas, como na oposição à “censura”, estavam na verdade reivindicando que o Estado garantisse a presença de alguns livros na escola. Não existe, para o Estado ou para um sistema escolar qualquer, a opção de incluir todos os livros existentes em seus programas de fomento e suas bibliotecas, o que significa que alguns sempre terão que ser descartados.)

Seria preciso examinar de que modo é uma contradição performativa afirmar, desde o interior da instituição pedagógica, ser contra a instrumentalização da literatura, do mesmo modo que seria necessário compreender as contradições argumentativas presentes na carta pública da Abralic, em raciocínio que não foi incomum: primeiro, são repudiados “procedimentos que produzam artificialmente o apagamento da diversidade e complexidade das representações da sociedade presentes na produção literária de qualquer época”, “formas de abordagem da literatura e da arte que se limitem a uma dimensão estritamente conteudística, minimizando a relevância de sua função estética”, e “tendências que submetam os repertórios literários a formas de revisionismo pautadas por propósitos higienizadores de qualquer ordem”. O texto trabalha com oposições fracas, colocando-se como contrário a adversários frágeis que definirá como abordagens críticas meramente temáticas e revisionismos depuradores. Conclui em seguida com a proclamação da “força humanizadora da leitura do texto literário, por sua capacidade de propiciar a experiência do deslocamento do ser humano para além de suas vivências individuais ou grupais, uma das formas relevantes para o combate à ignorância e superação dos preconceitos”, sendo que “práticas de leitura densas” seriam ainda “fundamentais para o pleno exercício da cidadania”.<sup>50</sup> Assim, com a garantia da utilidade da literatura vindo finalmente do que parece ser um valor moral, retira-se dela todo risco, e possivelmente qualquer interesse, em um gesto de fixação – a

---

<sup>50</sup> Weinhardt, 2010.



literatura é sempre “combate à ignorância”, sempre “superação dos preconceitos” – que não seria difícil enxergar como contrário àquilo que se diz que é próprio à “literatura” (a possibilidade de desestabilização de leituras transcendentais). Não seria razoável, afinal, imaginar que a literatura representaria “o direito ilimitado de fazer todas as perguntas, de suspeitar de todos os dogmatismos, de analisar todas as pressuposições, quer as da ética, quer as da política de responsabilidade”, como propôs Derrida,<sup>51</sup> excluindo desse questionamento a própria literatura. O que fazer, enfim, quando a “literatura” se transforma em dogmatismo, garantia e segurança?



Há mais uma complicação. Não é nada evidente que o conceito de literatura de que se valeram alguns argumentos em defesa de Lobato, exigindo para sua obra autonomia e liberdade, esteja próximo do modo de funcionamento da literatura infantil. Como aponta Roberto Ferro, são habituais na literatura infantil índices que “constituem rasgos emblemáticos de uma verdade geral, que ele [o leitor-modelo] deve aplicar em sua vida”, em uma espécie de “programa de demonstração persuasiva do mundo”.<sup>52</sup> Além disso, se a peculiaridade “que caracteriza a literatura infantil é a ativa participação de mediadores entre os receptores potenciais e os textos”,<sup>53</sup> então

a situação comunicativa entre escritor/relator e leitor/receptor aparece configurada a partir de uma assimetria de conhecimento do mundo, o que supõe a disseminação de marcas que reforcem a atitude de mostrar ensinando. A função emissor é ocupada frequentemente por mediadores, habitualmente os relatores, que por sua vez têm uma participação determinante na configuração do acesso ao cânone disponível. Dessa assimetria constitutiva

<sup>51</sup> Derrida, 1995, pp. 47-48.

<sup>52</sup> Ferro, 2010, pp. 253-254.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 252.

da situação comunicativa deriva a posição dos receptores, ouvintes ou leitores, enquanto partícipes de um jogo que é regrado, em grande medida sem sua participação.<sup>54</sup>

As ilustrações de personagens, tão comuns em diferentes edições dos livros de Lobato, funcionam como mais um desses mediadores, fornecendo aos receptores uma hipótese de leitura. Nas imagens são nítidas as modificações que as edições publicadas ao longo do século XX sofreram, com o aspecto bestializante dos desenhos de Nastácia das primeiras edições, por exemplo, sendo gradualmente abrandado, em sinal de que mudara a percepção no país do que era aceitável na representação visual de personagens negras. Nem essas alterações nem a amenização ou supressão de expressões racistas mais rudes em edições abreviadas dos livros ou nas adaptações televisivas – em que não se escutam referências à “carne preta” da “negra beijuda”, como se lê nas edições sem cortes – se depararam com protestos como os atuais em defesa da integridade improfanável da obra. Diante do fato de que sempre houve alterações por parte das figuras mediadoras e de que a literatura infantil sempre foi parte de um programa de demonstração persuasiva do mundo, por que insistir, justamente agora e diante dessas circunstâncias, na autossuficiência da obra? Por que exigir para ela, de repente, uma leitura monumentalizante? Para arriscar uma resposta, associaria as tentativas de fixação do sentido da obra de Lobato e a aversão à discussão sobre seu valor, nítidas no debate aqui glosado, a um desejo de recuperar a segurança da imagem da cena de leitura da infância, uma segurança que garantiria *a priori* e para sempre o valor, o prestígio e a integridade de uma obra.

Também por isso é plausível afirmar que boa parte do debate errou de alvo, ao entender a polêmica como uma ameaça à literatura, que seria então a vítima a ser resguardada na alteração. O componente decisivo da discussão era outro, que gira em torno da pergunta difícil sobre o efeito que tem em crianças a apresentação em sala de aula de livros da coleção

---

<sup>54</sup> *Idem*, p. 256.



Sítio do Picapau Amarelo, uma ponderação mais comum em pesquisas na área de pedagogia do que na crítica literária. Nessa linha, um texto já citado aqui termina com a sugestão de que é inviável como solução a propalada “contextualização” da obra, medida sugerida em textos da grande mídia e até no parecer do CNE, uma vez que

a noção de calendário e de tempo histórico, assim como outras noções mais básicas como hora no relógio, dias da semana etc., ainda não estão totalmente formadas em crianças cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental, e o que dirá da Educação Infantil. Mas se os alunos têm, quando muito, uma compreensão deficiente de tempo histórico, como poderia um professor “problematizar” o texto de Lobato, usando-o assim para discutir uma época em que o racismo era aberto em comparação a outra, em que ele é ofensa e crime? Fica claro que a recomendação do MEC, por mais bem intencionada que seja, não resolve o problema, pois o treinamento para que professores sejam capazes de interpretar a nota explicativa e contextualizar as expressões racistas do texto é só parte da solução, a outra, o desenvolvimento necessário para tal tarefa cognitiva está fora do alcance dessa medida. Dado que a literatura infantil de Lobato é tradicionalmente usada nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, então o problema é mais sério do que originalmente imaginado pelo parecer do CNE ou pela austera crítica midiática.<sup>55</sup>

Essa outra parte da equação – a criança nos primeiros anos do Ensino Fundamental, sobretudo a criança negra – esteve largamente ausente dos debates; termino com uma hipótese sobre os motivos (e algumas possíveis consequências) da ausência da figura da criança negra na discussão.

Para o bom funcionamento da fantasia das cenas de iniciação comentadas ao longo deste texto, a ausência de meninos negros é duplamente necessária. Primeiro, ela permite a ocupação sem contestação do lugar de relator da experiência de ler os livros de Monteiro Lobato, como nos múltiplos testemunhos autobiográficos que desconsideravam a possibilidade de que pudesse ser diferente para uma menina negra a

---

<sup>55</sup> Feres Júnior, Nascimento & Eisenberg, 2012, p. 28.

experiência de estar em sala de aula enquanto a professora lia para a classe referências a Nastácia como “macaco” ou “beijuda”, termos que a criança depois poderá escutar no recreio, com colegas autorizados pela presença das expressões em um livro referendado pela figura de autoridade. Os relatos de Ana Maria Gonçalves e Cuti comentados acima são exemplos em direção de possíveis contranarrativas, nas quais há um esforço por “sentir na pele o que significa ser essa criança negra e perceber a carga histórica dessas palavras sendo arrastada desde séculos passados: ‘macaca de carvão’, ‘carne preta’ ou ‘urubu fedorento’, tudo lá, em *Caçadas de Pedrinho*, onde ‘negra’ também é vocativo”.<sup>56</sup> O foco na criança em sala de aula também evitaria alegações sobre o suposto anacronismo das leituras que apontam racismo em Lobato. Qualquer leitura acontece sempre no presente, e são os efeitos nesse contexto de recepção que estão em discussão. Parece pouco relevante, nesse sentido, declarar que Monteiro Lobato simplesmente reproduzia a visão de mundo de sua época (algo que, de resto, é duvidoso: a ideologia eugenista era majoritária entre intelectuais brasileiros do período?). O contexto em que Lobato precisa ser inserido é o atual, do qual o racismo não está ausente.

Além disso, a construção da mulher negra escravizada como figura maternal (para as crianças brancas) também é dependente do desaparecimento da criança negra. Entre outras coisas, a escravidão, que tornou possível essa relação, foi uma negação do direito à maternidade, os filhos dos escravizados pertencendo a outros.

É esse foco apagado – de mães e pais escravizados, da experiência dos filhos desses pais e mães – que seria necessário ressaltar, como busca fazer o romance *Um defeito de cor*<sup>57</sup> e, na literatura norte-americana, mais de um dos romances de Toni Morrison, em cuja obra se destacam a abundância e a variedade das relações entre mães e filhos escravizados. No romance *Beloved (Amada)*, uma mãe consegue escapar do Sul

<sup>56</sup> Gonçalves, 2010.

<sup>57</sup> Gonçalves, 2006. Ver, a respeito, *Ominibú: Maternidade negra em Um defeito de cor* (Silva, 2019).

escravocrata para se estabelecer no Norte, na época já livre da escravidão.<sup>58</sup> Certo dia, acreditando que homens brancos a cavalo se aproximando de sua casa vinham com a missão de levá-los de volta às plantações de onde fugiram, a mãe decide matar os filhos, preferindo vê-los mortos a mais uma vez escravizados. A matéria do resto do romance será a volta espectral da filha morta, buscando fornecer seu testemunho impossível dos resultados do ato da mãe. O que mudaria se pensássemos nessa cena, a de um infanticídio, cometido com a finalidade de proteger a filha da instituição legal da escravidão, como o momento de fundação do país?

---

<sup>58</sup> Morrison, 2007, 1987.

## BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Nota (Aprovada pelo presidente Marcos Vinícios Vilaça). 6 de novembro de 2011. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/47326/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 5 de junho de 2012.
- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1970.
- . *Métaphysique: Concept et problèmes*. Trad. C. David. Paris, Payot & Rivages, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. “O fim do poema”. Trad. Sérgio Alcides. *Cacto*. São Paulo, n. 1, 2002, pp. 142-148.
- . *Infância e história*. Trad. H. Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- . “O autor como gesto”. *Profanações*. Trad. Selvino Assmann. São Paulo, Boitempo, 2007.
- AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo, Paulus, 1984.
- AHMED, Sara. “Killing joy: Feminism and the history of happiness”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. The University of Chicago Press, vol. 35, n. 3, 2010.
- ALVES, Rubem. “Crioulinha...”. *Folha de S.Paulo*, 16 nov. 2010.
- ANDRADE, Ligia Karina Martins de. *Nas margens da palavra – O silêncio: Uma estratégia de controle e organização do conflito em Arguedas*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado).
- ANTELO, Raul. “A desconstrução é a justiça”. In: SISCAR, Marcos & NATALI, Marcos (org.). *Margens da democracia: A literatura e a questão da diferença*. Campinas/São Paulo, Editora da Unicamp/Edusp, 2015, pp. 245-268.

- ARGUEDAS, José María. *Os rios profundos*. Trad. Gloria Rodriguez. São Paulo, Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. “La agonía de Rasu-Ñiti”. *Relatos completos*. Madrid, Losada, 1983.
- \_\_\_\_\_. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Org. Eve-Marie Fell. Ciudad de México, Conaculta, 1992.
- \_\_\_\_\_. “La novela y el problema de la expresión literaria en el Perú”. In: OQUENDO, Abelardo (org.). *Un mundo de monstruos y de fuego*. Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Lima, Horizonte, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Los ríos profundos*. Ciudad de México, Losada, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Os rios profundos*. Trad. Josely Vianna Batista. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A raposa de cima e a raposa de baixo*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2016.
- ASTURIAS, Miguel Ángel. *Hombres de maíz*. In: MARTIN, Gerald (ed.). Madrid, Allca XX, 1996.
- ATTRIDGE, Derek. “Derrida and the questioning of literature”. *Acts of literature*. New York, Routledge, 1992.
- AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: A ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Trad. M. Echalar. São Paulo, Boitempo, 2012.
- BAPTISTA, Abel Barros (org.). *O direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra, Angelus Novus, 2004.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Diário do luto*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- BATAILLE, Georges. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo, Cosac Naify, 2012.
- BELLATIN, Mario. *Shiki Nagaoka: Una nariz de ficción*. Buenos Aires, Sudamericana, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Salón de belleza. Tres novelas*. Mérida, Ediciones El otro el mismo, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Lecciones para una liebre muerta*. Barcelona, Anagrama, 2005b.
- \_\_\_\_\_. *La jornada de la mona y el paciente*. Oaxaca, Almadía, 2006.

- BELLATIN, Mario. *El gran vidrio: Tres autobiografías*. Barcelona, Anagrama, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Salão de beleza*. Trad. Maria Alzira Brum Lemos. Porto Alegre, Leitura XXI, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *Obra reunida 2*. Ciudad de México, Alfaguara, 2014.
- BERNASCONI, Roberto. “Um pensamento inovador e incompreendido”. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, ano VIII, n. 277, 14 out. 2008.
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. London, Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_. “On writing rights”. In: GIBNEY, Matthew J. (ed.). *Globalizing rights. The Oxford Amnesty lectures*. Oxford, Oxford University Press, 2003, pp. 162-183.
- \_\_\_\_\_. “Del derecho a escribir”. Trad. Helena Recassens Pons. In: GIBNEY, Matthew J. (org.). *La globalización de los derechos humanos*. Barcelona, Crítica, 2004.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Maria Regina Louro. Lisboa, Relógio d’Água, 1984.
- \_\_\_\_\_. “A literatura e o direito à morte”. *A parte do fogo*. Trad. A. Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- BOLAÑO, Roberto. *Amuleto*. Barcelona, Anagrama, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estrella distante*. Barcelona, Anagrama, 2000.
- \_\_\_\_\_. “En literatura es casi imposible mantenerse a salvo”. Entrevista a Sebastián Noejovich. *Revista Lea*. Buenos Aires, n. 13, maio 2001. Disponível em <<http://www.letras.s5.com/rb260505.htm>>. Acesso em 30 de janeiro de 2008.
- \_\_\_\_\_. “Discurso de Caracas (Venezuela)”. In: MANZONI, Celina (org.). *Roberto Bolaño: La escritura como tauromaquia*. Buenos Aires, Corregidor, 2002, pp. 207-214.
- \_\_\_\_\_. “‘Hay que dar la pelea y caer como un valiente’: Conversación inédita con Roberto Bolaño”. Entrevista a Pedro Donoso. *Artes y Letras*. Santiago de Chile, 20 jul. 2003.
- \_\_\_\_\_. “Los mitos de Chtulhu”. *El gaucho insufrible*. Barcelona, Anagrama, 2004a.
- \_\_\_\_\_. 2666. Barcelona, Anagrama, 2004b.
- \_\_\_\_\_. *Nocturno de Chile*. Barcelona, Anagrama, 2005a.
- \_\_\_\_\_. “‘Estrella distante’ (Entrevista)”. *Entre paréntesis*. Barcelona, Anagrama, 2005b.

- BOLAÑO, Roberto. *Putas asesinas*. 3. ed. Barcelona, Anagrama, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Entre paréntesis*. Barcelona, Anagrama, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *El secreto del mal*. Barcelona, Anagrama, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *La universidad desconocida*. Barcelona, Anagrama, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *Last evenings on Earth*. Trad. Chris Andrews. New York, New Directions, 2007c.
- \_\_\_\_\_. “Muerte de Ulises”. *El secreto del mal*. Barcelona, Anagrama, 2007d.
- \_\_\_\_\_. *Putas assassinas*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Amuleto*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *2666*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. “Poema conjetural”. *Obras completas*, vol. 2. Buenos Aires, Emecé, 1994.
- BROTHERSON Gordon & SÁ, Lúcia de. “First peoples of the Americas and their literature”. In: MCCLENNEN, Sophia A. & FITZ, Earl E. (ed.). *Comparative cultural studies and Latin America*. West Lafayette, Purdue University Press, 2004.
- CAMPOS, Haroldo de. “El sentido de la teoría literaria y de la literatura comparada en las culturas denominadas ‘periféricas’”. *Filología*, vol. XXX, n. 1-2, 1997, pp. 101-108.
- CANDIDO, Antonio. “Palavras do homenageado”. *Anais do 1º Congresso Abralic*. UFRGS, vol. 1, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.
- \_\_\_\_\_. “A literatura e a formação do homem”. In: DANTAS, Vinícius (org.). *Textos de intervenção*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio *et al.* “Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento”. *Filme Cultura*, ano XIII, n. 35-36, jul.-ago.-set. 1980, pp. 2-20.
- CASAS, Fabián. *Ocio, seguido de Veteranos del pánico*. Buenos Aires, Santiago Arcos Editor, 2006.
- CHAKRABARTY, Dipesh. “The time of history and the times of gods”. In: LOWE, Lisa & LLOYD, David (ed.). *The politics of culture in the shadow of capital*. Durham, Duke University Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference*. Princeton, Princeton University Press, 2000a.

- CHAKRABARTY, Dipesh. "Universalism and belonging in the logic of capital". *Public Culture*, vol. 12, n. 3, 2000b, pp. 653-678.
- \_\_\_\_\_. "Museums in late democracies". *Humanities Research*, vol. IX, n. 1, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire. Ensayo sobre la heterogeneidad cultural en las literaturas andinas*. Lima, Horizonte, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Lima, Horizonte, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O condor voa: Literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.
- CORTÁZAR, Julio. "Algunos aspectos del cuento". In: ALAZRAKI, Jaime (org.). *Obra crítica/2*. Buenos Aires, Alfaguara, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Cuentos completos, 2 (1969-1982)*. Madrid, Alfaguara, 1994b.
- \_\_\_\_\_. "Alguns aspectos do conto". In: ALAZRAKI, Jaime (org.). *Obra crítica*, vol. 2. Trad. Paulina Wacht, Ari Roitman. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, pp. 345-363.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad. J. Toledo. São Paulo, Cosac Naify, 2014.
- CRITCHLEY, Simon. *The faith of the faithless: Experiments in political theology*. London, Verso, 2012.
- CUTI. *Contos crespos*. Belo Horizonte, Mazza, 2008.
- DAMROSCH, David. *What is world literature?*. Princeton, Princeton University Press, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário*. Entrevista a Claire Parnet (1988-1989). Prod. Pierre-André Boutang. Paris, Éditions Montparnasse, 1988-1989. Transcrição e trad. T. Tadeu da Silva. Disponível em <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em 5 de maio de 2016.
- DERRIDA, Jacques. "Violence and metaphysics". *Writing and difference*. Trad. Alan Bass. Chicago, Chicago University Press, 1978.
- \_\_\_\_\_. "Deconstruction and the other". In: KEARNEY, Richard (ed.). *States of mind: Dialogues with contemporary thinkers*. Manchester, Manchester University Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. "Circonfession". In: BENNINGTON, Geoffrey & DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Paris, Seuil, 1991.



- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skinner. São Paulo, Relume Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Paixões*. Trad. Loris Z. Machado. Campinas, Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. “Circonfissão”. In: BENNINGTON, Geoffrey & DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Résistances de la psychanalyse*. Paris, Galilée, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *No escribo sin luz artificial*. Trad. Rosario Ibañez, María José Pozo. Madrid, Cuatro, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The work of mourning*. Trad. Pascale-Anne Brault, Michael Naas. Chicago, University of Chicago Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Discurso de Frankfurt”. *Le Monde Diplomatique*, ed. brasileira, ano 3, n. 24, jan. 2002a.
- \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo, Perspectiva, 2002b.
- \_\_\_\_\_. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Força de lei: O fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Literature in secret”. *The gift of death & Literature in secret*. Trad. David Wills. Chicago, University of Chicago Press, 2008a.
- \_\_\_\_\_. “As mortes de Roland Barthes”. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, vol. 7, n. 20, ago. 2008b.
- \_\_\_\_\_. *Memórias para Paul de Man*. Trad. Carlo Gardini. Barcelona, Giesá, 2008c.
- \_\_\_\_\_. *El gusto del secreto*. Entrevista a M. Ferraris. Trad. L. Padilla López. Buenos Aires, Amorrortu, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Ulysses Gramophone: Hear say yes in Joyce”. Trad. F. Raffoul. In: MITCHELL, Andrew & SLOTE, Sam (ed.). *Derrida and Joyce*. New York, Suny Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Essa estranha instituição chamada literatura: Uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1998.

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.
- DIRETÓRIO ESPIRITUAL DOS MONGES E MONJAS DA CONGREGAÇÃO BRASILEIRA DA ORDEM CISTERCIENSE. *Nada antepor ao amor de Cristo*. São Paulo, Musa, 2003.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Margens da história: A revisitação do passado na ficção afro-brasileira”. In: SISCAR, Marcos & NATALI, Marcos (org.). *Margens da democracia: A literatura e a questão da diferença*. Campinas/São Paulo, Editora da Unicamp/Edusp, 2015, pp. 167-190.
- EAGLETON, Terry. *The illusions of postmodernism*. Oxford, Blackwell Publishing, 1996.
- \_\_\_\_\_. *As ilusões do pós-moderno*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- ENRIGUE, Álvaro. “Sobre la muerte del autor”. *Hipotermia*. Barcelona, Anagrama, 2005.
- FERES JÚNIOR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes & EISENBERG, Zena Winona. “Monteiro Lobato e o politicamente correto”. *Revista Dados*, vol. 56, n. 1, 2012.
- FERRO, Roberto. “A literatura infantil como macrogênero”. *Da literatura e dos restos*. Trad. J. Wolff. Florianópolis, Editora da UFSC, 2010.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. “A nostalgia dos universais”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Fronteiras imaginadas: Cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 19. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo, Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II. Curso dado no Collège de France (1983-1984)*. Trad. E. Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- FRANCISCO, Severino. “Escritores e professores discutem veto a obra de Monteiro Lobato na escola”. *Correio Braziliense*, 28 nov. 2010. Disponível em <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/11/28/interna\\_diversao\\_arte,225023/escritores-e-professores-discutem-veto-a-obra-de-monteiro-lobato-na-escola.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/11/28/interna_diversao_arte,225023/escritores-e-professores-discutem-veto-a-obra-de-monteiro-lobato-na-escola.shtml)>. Acesso em 5 de junho de 2012.

- FRESÁN, Rodrigo. “*El secreto del mal y La universidad desconocida*, de Roberto Bolaño”. *Letras Libres*, jun. 2007.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, pp. 17-90 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo, Cosac Naify, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O método desviante: Algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de filosofia”. *Trópico*, 3 dez. 2006.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Madrid, Espasa-Calpe, 1983.
- “GÊNESIS”. *A Bíblia*. Ed. revista e corrigida. São Paulo, Loyola, 1995.
- GINZBURG, Jaime. “Literatura e direitos humanos: Notas sobre um campo de debates”. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2012.
- \_\_\_\_\_. “El Ojo Silva, de Roberto Bolaño”. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHÖLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Cenários contemporâneos da escrita*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. Parecer CNE/CEB n. 15/2010. Processo n. 23001.000097/2010-26. Despacho do Ministério da Educação, 2010. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6702-pcebo15-10&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pcebo15-10&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em 5 de junho de 2012.
- \_\_\_\_\_. Parecer CNE/CEB n. 6/2011. Processo n. 23001.000097/2010-26. Despacho do Ministério da Educação, 29 ago. 2011, seção 1, p. 28. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=8180-pcebo06-11-pdf&category\\_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pcebo06-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em 5 de junho de 2012.
- GÓMEZ MANGO, Edmundo. “Todas las lenguas. Vida y muerte de la escritura en *Los zorros* de Arguedas”. In: FELL, Eve-Marie (org.). *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Ciudad de México, Conaculta, 1992.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Lobato: Não é sobre você que devemos falar”. *Portal Geledés*, 22 nov. 2010. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/ana-maria-goncalves-lobato-nao-e-sobre-voce-que-devemos-falar/>>. Acesso em 5 de junho de 2012.
- \_\_\_\_\_. “Carta aberta ao Ziraldo”. *Portal Geledés*, 21 fev. 2011. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/carta-aberta-ao-ziraldo-por-ana-maria-goncalves-2/>>. Acesso em 5 de junho de 2012.

- GUHA, Ranajit. *Elementary aspects of peasant insurgency in colonial India*. Delhi, Oxford University Press, 1983.
- HÄGGLUND, Martin. *Radical atheism: Derrida and the time of life*. Stanford, Stanford University Press, 2008.
- HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Seis ensayos en busca de nuestra expresión*. Buenos Aires/Madrid, Babel, 1928.
- HOESEL-UHLIG, Stefan. “Changing fields: The directions of Goethe’s *Weltliteratur*”. In: PRENDERGAST, Christopher (ed.). *Debating world literature*. London, Verso, 2004.
- JACOBUS, Mary. “‘Distressful gift’: Talking to the dead”. *South Atlantic Quarterly*, vol. 106, n. 2, Spring 2007.
- JAMES, Robin. *Resilience & melancholy: Pop music, feminism, neoliberalism*. Alresford, Zero Books, 2015.
- JAMESON, Fredric. “Fim da arte ou fim da história?”. *A cultura do dinheiro: Ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de P. Soares. Petrópolis, Vozes, 2001.
- JOHNSON, David E. “How (not) to do Latin American studies”. *South Atlantic Quarterly*, vol. 106, n. 1, Winter 2007.
- JOYCE, James. *Ulysses*. New York, Vintage International, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Ulysses*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo, Penguin Companhia, 2012.
- JULLIEN, François. “Os direitos do homem são mesmo universais?”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, ano 2, n. 7, fev. 2008.
- KELMAN, David. “The afterlife of storytelling: Julio Cortázar’s reading of Walter Benjamin and Edgar Allan Poe”. *Comparative Literature*, vol. 60, n. 3, 2008, pp. 244-260.
- KIERKEGAARD, Sören. *Fear and trembling*. Trad. H. V. Hong, E. H. Hong. Princeton, Princeton University Press, 1983.
- KRELL, David. *The purest of bastards: Works of mourning, art, and affirmation in the thought of Jacques Derrida*. University Park, Pennsylvania State University, 2000.
- KURZ, Robert. “O efeito colateral da educação fantasma”. *Folha de S.Paulo*, 11 abr. 2004, pp. 18-19.
- LAJOLO, Marisa. “Quem paga a música escolhe a dança?”. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, nov. 2010, p. 6.
- LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Trad. Sandra Moreira. Bauru, Edusc, 2002.

- LATOUR, Bruno. “‘Não congelarás a imagem’, ou: Como não desentender o debate ciência-religião”. *Mana*, vol. 10, n. 2, 2004.
- LEAL, Petra Iraides Cruz. *Dualidad cultural y creación mítica en José María Arguedas*. Universidad de la Laguna, Secretariado de Publicaciones, s.d.
- LEAR, Jonathan. *Happiness, death, and the remainder of life*. Cambridge, Harvard University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Radical hope: Ethics in the face of cultural devastation*. Cambridge, Harvard University Press, 2006.
- LEGRÁS, Horacio. *Literature and subjection*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 2008.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Proper names*. Trad. M. Smith. Stanford, Stanford University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *La realidad y su sombra*. Trad. A. D. Leiva. Madrid, Trotta, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e entrevistas*. Org. François Poirié. Trad. Jacó Guinsburg, Marcio Honorio de Godoy, Thiago Blumenthal. São Paulo, Perspectiva, 2007.
- LEVINSON, Brett. *The ends of literature: The Latin American “boom” in the neoliberal marketplace*. Stanford, Stanford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Case closed: Madness and dissociation in 2666”. *Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 18, n. 2, 2009, pp. 177-191.
- LIENHARD, Martin. *Cultura popular andina y forma novelesca: Zorros y danzantes en la última novela de Arguedas*. Ciudad de México, Taller Abierto, 1998.
- LIMA, Sônia Maria van Dijck. “Sagarana causou polêmica”. In: MATOS, Edilene. *A presença de Castelo*. São Paulo, Humanitas-FFLCH-USP/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2003, pp. 869-885.
- \_\_\_\_\_. “Sagarana causou polêmica”. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *Quartas histórias: Contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Garamond, 2006, pp. 37-50.
- LINK, Daniel. “La verdad del amor”. *Página/12*. Buenos Aires, 23 mar. 2012.
- \_\_\_\_\_. “Leer: Experimentar”. In: BARTALINI, Carolina & ZARZA, Gastón (ed.). *América Latina como problema: Literatura – cultura – educación*. Buenos Aires, Universidad Nacional Arturo Jauretche, 2016.
- LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. 13. ed. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo, Brasiliense, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo, Globo, 2008.

- LOPEZ, Telê Ancona. “A literatura como direito”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, vol. 14, n. 11, 2009, pp. 216-219.
- LUCAS. “Evangelho segundo Lucas”. *A Bíblia*. Ed. revista e corrigida. São Paulo, Loyola, 1995.
- LUDMER, Josefina. “Literaturas postautónomas”. *Ciberletras: Revista de Crítica Literaria y de Cultura*, n. 17, jul. 2007.
- LUFT, Lya. “Crucificar Monteiro Lobato?”. *Veja*, ed. 2.190, ano 43, n. 45, 10 nov. 2010.
- MACHADO, Ana Maria *et al.* “Lobato, leitura e censura” (Carta aberta). 4 nov. 2010. Disponível em <<http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=60747>>. Acesso em 5 de junho de 2012.
- MAGALHÃES, Milena & SISCAR, Marcos. “A circunavegação autobiográfica”. *In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna & AMORIM, Orlando Nunes de (org.). Literatura e representações do eu: Impressões autobiográficas*. São Paulo, Editora Unesp, 2010, pp. 89-103.
- MAN, Paul de. “A modern master: Jorge Luis Borges”. *Critical writings 1953-1978*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1989.
- MARX, Karl. *O capital*, vol. 1. Trad. Reginaldo Sant’Anna. São Paulo, Difel, 1982.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Trad. Victor H. Klagsbrunn. Rio de Janeiro, Contraponto, 1998.
- . *A ideologia alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo, 2007.
- MCCORMICK, J. “Derrida on law; or, Poststructuralism gets serious”. *Political Theory*, vol. 29, n. 3, jun. 2001, pp. 395-423.
- MELVILLE, Herman. *Moby-Dick, or The whale*. Evanston, Northwestern University Press, 1991.
- . *Moby Dick ou A baleia*. Trad. Irene Hirsch, Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo, Cosac Naify, 2013.
- MILLAY, Amy Nauss. *Voices from the fuente viva: The effect of orality in twentieth-century Spanish American narrative*. Lewisburg, Bucknell University Press, 2005.
- MILLIET, Sérgio. “Leituras avulsas”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1946.
- MOREIRAS, Alberto. *Tercer espacio: Literatura y duelo en América Latina*. Santiago, Lom, 1999.

- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: A política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.
- MORETTI, Franco. “Conjectures on world literature”. In: PRENDERGAST, Christopher (ed.). *Debating world literature*. London, Verso, 2004.
- MORRISON, Toni. *Beloved*. New York, Knopf, 1987.
- . *Amada*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- . *Minha formação*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997.
- NAKAGOME, Patricia Trindade. *A vida e a vida do leitor: Um conceito formado no espelho*. São Paulo, Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015 (Tese de Doutorado).
- NANCY, Jean-Luc. *Noli me tangere: Essai sur la levée du corps/Marie, Madeleine*. Paris, Bayard, 2003.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: “Notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. São Paulo, É Realizações, 2015.
- NIGRI, André. “Monteiro Lobato e o racismo”. *Bravo!*. São Paulo, n. 165, maio 2011, pp. 24-33.
- OLIVEIRA, Francisco de. “O avesso do avesso”. *Revista Piauí*. São Paulo, n. 37, out. 2009.
- OLIVER, Felipe. “De la formación del sujeto al sujeto apestado: La novela del aprendizaje en Hispanoamérica”. *Itinerarios: Revista de Estudios Lingüísticos, Literarios, Históricos y Antropológicos*, vol. 13, 2011, pp. 177-189.
- ORTIZ, Fernando. “Nem racismos, nem xenofobias”. In: SCHWARTZ, Jorge (org.). *Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995.
- PARVULESCU, Anca. “To yes-laugh: Derrida’s Molly”. *Parallax*, vol. 16, n. 3, jul. 2010, pp. 16-27.
- PASOLINI, Pier Paolo. *The selected poetry of Pier Paolo Pasolini*. Ed. bilíngue. Chicago, The University of Chicago Press, 2014.
- PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *O outro modo de mirar – Uma leitura dos contos de Julio Cortázar*. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Por amor à arte”. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 19, n. 55, 2005.



- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Literatura para todos”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, vol. 9, 2006, pp. 16-29.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos M. de Macedo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *El último lector*. Barcelona, Anagrama, 2005.
- PINHEIRO, Tiago Guilherme. “Estrela melancólica em céu noturno: A perversão como genealogia da liberdade de expressão em Roberto Bolaño”. In: SISCAR, Marcos & NATALI, Marcos (org.). *Margens da democracia: A literatura e a questão da diferença*. Campinas/São Paulo, Editora da Unicamp/Edusp, 2015, pp. 303-348.
- PINHO, Angela & NUBLAT, Johanna. “Conselho quer vetar livro de Monteiro Lobato em escolas”. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 29 out. 2010.
- PINTO NETO, Moysés. “A hipótese anarquista”. *Sopro*. Florianópolis, n. 96, set. 2013. Disponível em <<http://culturaebarbarie.org/sopro/index.html>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2012.
- PITARCH RAMÓN, Pedro. *Ch’ulel: Una etnografía de las almas tzeltales*. Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 1996.
- PRENDERGAST, Christopher (ed.). “The world republic of letters”. *Debating world literature*. London, Verso, 2004.
- RAMA, Ángel. “Sistema literario y sistema social en Hispanoamérica”. In: ALEGRÍA, Fernando. *Literatura y praxis en América Latina*. Caracas, Monte Ávila, 1974, pp. 81-109.
- \_\_\_\_\_. “Os processos de transculturação na narrativa latino-americana”. In: AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra Guardini (org.). *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. Trad. Rachel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo, Edusp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Transculturación narrativa en América Latina*. Ciudad de México, Siglo XXI, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. L. do Valle. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.
- \_\_\_\_\_. “The aesthetic dimension: Aesthetics, politics, knowledge”. *Critical Inquiry*, n. 36, Fall 2009, pp. 1-19.
- \_\_\_\_\_. *The politics of literature*. Trad. Julie Rose. Cambridge, Polity Press, 2011.
- RAVETTI, Graciela. “Monsieur Pain, de Roberto Bolaño: A dor da história”. *Aletria*. Belo Horizonte, jan.-jun. 2009, pp. 283-295.
- RESCANIERE, Alejandro Ortiz. “Los zorros devoradores”. *Revista de la Universidad Católica*. Lima, n. 2, 31 dez. 1977.

- ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo, Banda Oriental, 2006.
- RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. “Nacionalismo y literatura (Un programa a posteriori)”. *Marcha*. Montevideo, n. 629, 4 jul. 1952.
- RUGGIERI, Mariana. *De um lugar a outro via 2666*. São Paulo, Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013 (Dissertação de Mestrado).
- RYAN, Michael. *Marxism and deconstruction: A critical articulation*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1989.
- SANTURBANO, Andrea; MARSAL, Meritxell Hernando & PETERLE, Patricia (org.). *Fluxos literários: Ética e estética*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013.
- SARLO, Beatriz & ALTAMIRANO, Carlos. “Del lector”. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires, Edicial, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- SILVA, Fabiana Carneiro da. *Ominíbu: Maternidade negra em Um defeito de cor*. Salvador, Edufba, 2019.
- SISCAR, Marcos. “O discurso da história na teoria literária brasileira”. In: SANTOS, Alcides Cardoso; DURÃO, Fabio A. & SILVA, Maria das Graças V. (org.). *Desconstruções e contextos nacionais*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Poesia e crise*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.
- \_\_\_\_\_. *De volta ao fim: O “fim das vanguardas” como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2016.
- SISCAR, Marcos & NATALI, Marcos (org.). *Margens da democracia: A literatura e a questão da diferença*. Campinas/São Paulo, Editora da Unicamp/Edusp, 2015.
- SOUSA, Fernanda Silva. “Caçada ao racismo: A polêmica em torno da obra de Monteiro Lobato em face a uma educação antirracista”. In: HOSSNE, Andrea Saad & NAKAGOME, Patricia Trindade (org.). *Leituras e leitores na contemporaneidade*. Araraquara, Letraria, 2019, pp. 129-140.
- SPIVAK, Gayatri C. “Can the subaltern speak?”. In: NELSON, Cary & GROSSBERG, Lawrence. *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago, University of Illinois Press, 1988, pp. 271-313.
- \_\_\_\_\_. “Marginality in the teaching machine”. *Outside in the teaching machine*. New York, Routledge, 1993.

- SPIVAK, Gayatri C. *Death of a discipline*. New York, Columbia University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte, UFMG, 2010.
- TAYLOR, Charles. "Two theories of modernity". *Public Culture*, vol. 11, n. 1, 1999, pp. 153-174.
- THAYER, Willy. *A crise não moderna da universidade moderna*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- TOSCANA, David. *El último lector*. Ciudad de México, Mondadori, 2004.
- VALLEJO, César. *Obra poética*. 2. ed. Madrid, Allca XX, 1996.
- VARGAS LLOSA, Mario. *La utopía arcaica: José María Arguedas y las ficciones del indigenismo*. Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2004.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo, Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. "Carta". *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 27 nov. 2010, Painel do Leitor.
- VERSIANI, Flávio Rabelo. "Escravidão 'suave' no Brasil: Gilberto Freyre tinha razão?". *Revista de Economia Política*, vol. 27, n. 2 (106), abr.-jun. 2007, pp. 163-183.
- VILLALOBOS-RUMINOTT, Sergio. "A kind of hell: Roberto Bolaño and the return of world literature". *Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 18, n. 2, 2009, pp. 193-205.
- VISWANATHAN, Gauri. *Masks of conquest: Literary study and British rule in India*. New Delhi, Oxford University Press, 2003.
- WEINHARDT, Marilene. "Carta aberta da Abralic", 5 nov. 2010.
- WOOLF, Virginia. *To the lighthouse*. London/New York, Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Ao farol*. Trad. Tomaz Tadeu. São Paulo, Autêntica, 2013.
- ZAID, Gabriel. *Los demasiados libros*. Ciudad de México, Oceano, 1996.
- ŽIŽEK, Slavoj. "O real da ilusão cristã". In: SAFATLE, Vladimir (org.). *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo, Editora Unesp, 2003, pp. 169-188.
- \_\_\_\_\_. "A paixão na era da crença descafeinada". Trad. Alexandre Hubner. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 14 mar. 2004.